

A LEITURA DA ESCOLHA NO TEXTO E NO CONTEXTO.

Marília Martins Coelho(*)

Maria Augusta Hermengarda Wurthman Ribeiro (**)

Eu sozinho entre mangueiras lia a história de Robinson Crusóé. Cumprida história que não acabava mais.

(...) Lá longe, meu pai campeava no mato sem fim da fazenda,

E eu não sabia que minha história era mais bonita que a de Robinson Crusóé.

Carlos Drummond de Andrade

Se a escola conseguir que a criança perceba que a sua história é "mais bonita que a de Robinson Crusóé", terá, com certeza, atingido o objetivo principal - o da educação no seu sentido mais amplo - pois além de inseri-la num contexto maior - o da leitura do mundo - permitir-lhe-á um descobrir e valorizar-se a si mesmo, mola propulsora de todas as outras descobertas.

Com esse propósito é que desenvolvemos o projeto de intervenção numa classe de terceira série, daquelas consideradas "séries falsas", visando a melhoria da leitura, conforme solicitação da direção e da professora responsável pela classe.

Este artigo relata um dos momentos do projeto - o da escolha do texto - eixo da programação das atividades a serem desenvolvidas.

O primeiro passo foi proceder a uma leitura do mundo das crianças desta classe pelos professores responsáveis pelo projeto, tendo como finalidade a decodificação do modo como as crianças viviam.

Quatro indagações orientaram o procedimento: quem são aquelas crianças?, com quem moram?, com quem vivem?, o que fazem?

Esse momento foi considerado de suma importância porque a aprendizagem da leitura tem como base o referencial social concreto do sujeito envolvido no processo.

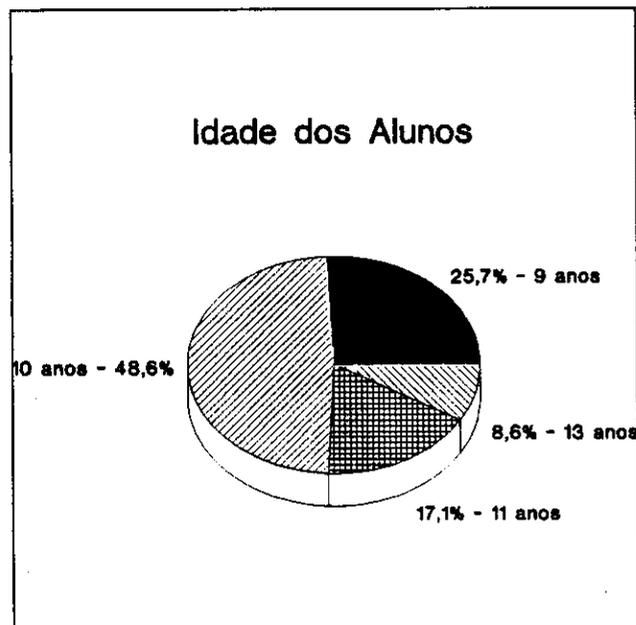
As condições que devem ser oferecidas às crianças para favorecer a aprendizagem da leitura estão próximas da noção de poder. Conforme Foucault¹ "a noção de poder ... está ligada à própria natureza da comunicação escrita em sua exigência de distanciamento e de teorização; poder sobre si mesmo, de se conhecer, de se compreender, de se situar; poder sobre sua maneira de aprender, sobre a gestão de seu tempo e de seu espaço; poder de participar da vida, das decisões e dos projetos de diferentes grupos; poder sobre o meio ambiente físico e social, de compreendê-lo transformando-o, agindo sobre ele através de produções".

(*) Professora Doutora do Departamento de Educação do Instituto de Biociências - UNESP - Câmpus de Rio Claro.

(**) Professora Doutora do Departamento de Educação do Instituto de Biociências - UNESP - Câmpus de Rio Claro

Procedemos ao levantamento de alguns dados junto às próprias crianças que nos permitissem traçar um "retrato" da clientela com a qual trabalharíamos. Com o objetivo de facilitar a leitura e a interpretação, os dados são tabulados e apresentados nos gráficos que se seguem.

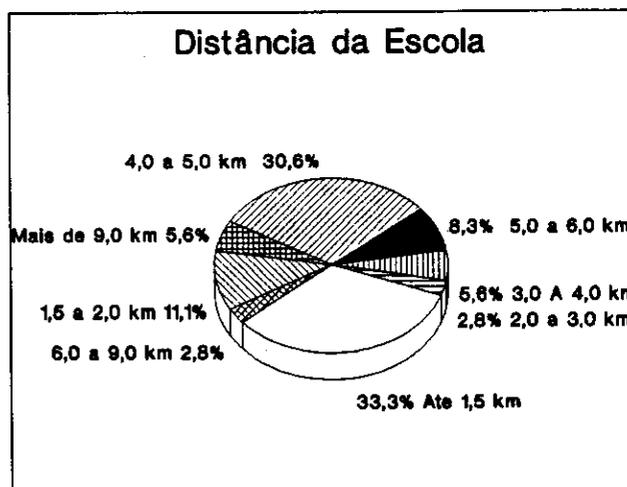
O primeiro representa a classificação da classe segundo suas idades.



De sua observação podemos afirmar que a maioria, 74,3%, são crianças com nove ou dez anos e, conforme assinalara a professora responsável pela classe, já candidatos à reprovação.

Outro dado obtido naquele levantamento e considerado relevante para a análise da clientela alvo do projeto, foi a distância que a criança percorria entre a sua casa e a escola.

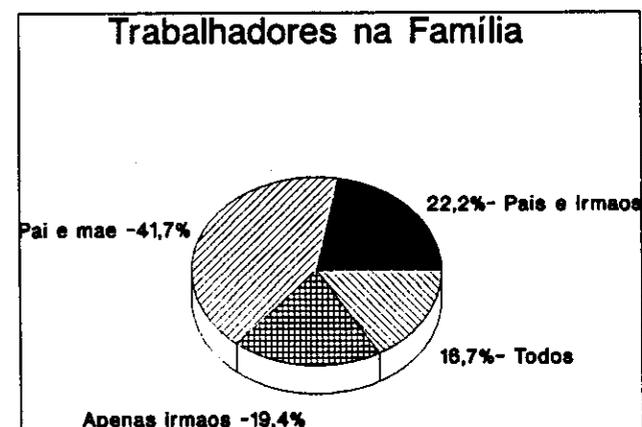
O gráfico, a seguir, fornece indicações de distâncias que as crianças percorrem, apenas uma das dificuldades que enfrentavam para chegar à escola, o que quase sempre é desprezado pelos professores quando procuram analisar o desempenho dos alunos nas atividades.



De acordo com informações prestadas por Paulo Eduardo Cabral, gerente de sub-programa do Programa Monhangara, do Mato Grosso do Sul, estudos desenvolvidos pelo CEDATE/MEC, para aquele Programa do V Acordo MEC/BIRD para as regiões norte e centro-oeste, a distância máxima tolerada entre a escola e a casa do aluno do ensino fundamental é de 1.500 metros. Esse parâmetro regeu todos os trabalhos de mapeamento escolar realizados nas áreas de abrangência do referido programa.

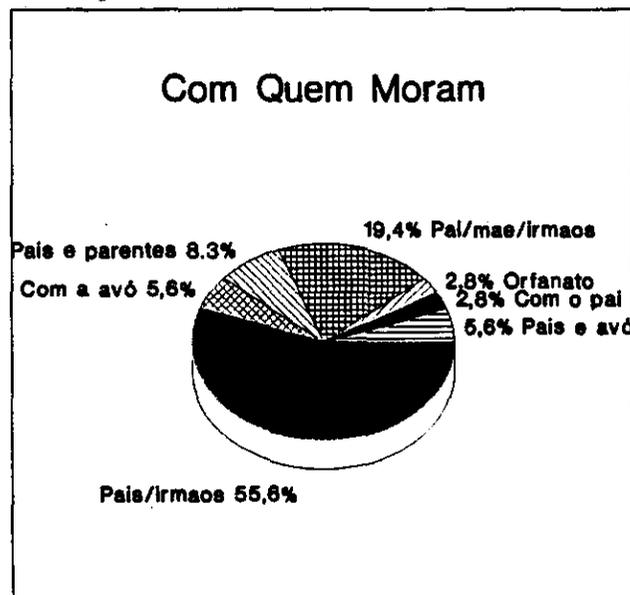
Da análise dos dados constatamos que somente um terço, 12 alunos, reside a distâncias tecnicamente aceitáveis; os dois terços restantes moram a distâncias superiores à desejada, chegando ao absurdo de se registrarem casos em que a distância percorrida pela criança chega a nove quilômetros.

Um outro indicativo das dificuldades inerentes à condição social da criança é o mostrado no gráfico abaixo, Trabalhadores na Família, obtidos do quesito: "Quem trabalha na sua família?".



Se considerarmos que é atitude comum entre professores nesta fase de escolarização a solicitação aos pais de ajuda nas tarefas a serem realizadas pelas crianças em casa, observamos que apenas sete crianças dentre todas (19,4%) poderiam vir a recebê-la, pois os irmãos são o arrimo da família. Para quase a metade, os pais trabalham fora, (41,7%); para outros, inclusive os irmãos trabalham fora, (22,2%); quando não, todos trabalham, (16,7%).

Outro dado obtido pelo levantamento feito é expresso no gráfico abaixo. Responde ao quesito: "Com quem moram?".



Os indicativos nos permitem afirmar que a "clássica família" composta de pai, mãe e irmãos, 55,6% dos casos em estudo, está sendo substituída por outras formas de agrupamento. É lícito supor que esta taxa esteja super-estimada e venha a ser realmente menor, visto que é comum padrastos e madrastas ou companheiros eventuais serem chamados de pais pelas crianças.

Estas constatações reforçam as nossas dúvidas a respeito da eficácia das solicitações comumente feitas aos pais no sentido de interferirem no desempenho e rendimento dos alunos.

Cabe aos professores conhecerem esses dados para integrá-los na sua prática docente de modo a selecionar alternativas sociais condizentes com as situações em que vivem os alunos.

Tendo como pano de fundo o levantamento realizado, que revela o fato de que as possibilidades apresentadas às crianças, desde o nascimento, são limitadoras do seu desenvolvimento, não só na escola como na sociedade em seu todo, partimos do pressuposto de que a escola, enquanto local privilegiado da apropriação do saber, deve constituir-se em uma alternativa enriquecedora principalmente para essas crianças.

Nesse quadro sócioeconômico, o aprendizado da leitura além de implicar o domínio das convenções e funções do sistema de representação escrita, é, por excelência, o momento no qual essa alternativa pode ser concretizada.

Subsidiadas por esses dados elaboramos um projeto de intervenção, centrado no texto *Ou Isto ou Aquilo* de Cecília Meirelles:

Ou se tem chuva, e não se tem sol,
ou se tem sol e não se tem chuva!

Ou se calça luva e não se põe o anel,
ou se põe o anel e não se calça a luva!

Quem sobe nos ares não fica no chão,
quem fica no chão não sobe nos ares!

É uma grande pena que não se possa,
estar ao mesmo tempo nos dois lugares!

Ou guardo o dinheiro e não compro doce,
ou compro o doce e gasto o dinheiro!

Ou isto ou aquilo, ou isto ou aquilo ...
E vivo escolhendo o dia inteiro!

Não sei se brinco, não sei se estudo,
se saio correndo ou fico tranqüilo!

Mas não consegui entender ainda,
qual é melhor: se é isto ou aquilo!

que contextualiza a possibilidade e a problemática da escolha, além de fornecer condições que permitissem às crianças viver e valorizar o seu Tempo de Escola.

Dois idéias centrais reforçam a seleção deste texto. Uma delas fundamenta-se em trabalhos de

estudiosos da aquisição, aprendizagem e melhoria da leitura, como Emília Ferreiro, para quem "a escrita é uma construção histórica do homem e uma representação da linguagem; e a alfabetização, um processo ativo de reconstrução dessa representação pelo alfabetizando". Portanto, "discutir questões de alfabetização em uma sociedade, implica, primeiramente, "conhecer as condições históricas do alfabetizando"³.

Tais estudos, enfatizam a importância de se trabalhar com a criança a partir de um referencial significativo como a exploração de situações alternativas com objetos e fenômenos que lhe são próximos, encontrados na poesia de Cecília Meireles - céu, sol, chuva, doce, dinheiro, anel - envolvendo a dualidade implícita no brincar e/ou estudar, tão pertinentes ao mundo do aluno.

Outra idéia leva em consideração as implicações pedagógicas compreendidas no ato da escolha, que permeará a vida toda do indivíduo.

A este respeito os estudos de Piaget sobre desenvolvimento moral da criança levam-nos a pensar no papel da escola e na importância das atividades nela desenvolvidas, propiciando condições para a construção de uma moral autônoma e da conseqüente responsabilidade subjetiva, auxiliando-a a ultrapassar a fase da heteronomia, principalmente num meio onde prevalece a relação de coação entre adulto e criança.

O processo de tomada de consciência, pelos alunos, de que viver é fazer escolhas constantemente, pareceu-nos de fundamental importância, à medida que o tipo e qualidade de vida estão diretamente relacionados com as escolhas feitas.

Se considerarmos que a clientela alvo do trabalho tem reduzidas possibilidades de "ler" a sua própria vida nesse quadro de referência, cabe à Escola proporcionar, pela seleção das atividades propostas nos conteúdos curriculares, condições para que essa leitura ocorra.

Orientadas por esse referencial, enfocamos o ato da escolha não só no texto - unidade literária e informativa - mas principalmente no contexto, no

qual viviam as crianças, de maneira tal que resultasse em melhoria do próprio processo da leitura, enquanto decodificação não só da escrita - como melhoria do ato de ler - mas do próprio meio - como melhoria do ato de viver.

BIBLIOGRAFIA

- FOUCAMBERT, Jean. *Para uma política de leiturização dos 2 aos 12 anos*. In Cadernos de Pesquisa, 84, Fundação Carlos Chagas, São Paulo, 1983.
- KOLHBERG, L. e MAYER, R.. *Desenvolvimento como meta da educação*. In Harvard Educational Review, 42 (1-3), 1972.
- PERALVA, Angelina T.. *Alfabetização na América Latina: notas de leitura*. In A educação básica no Brasil e na América Latina: repensando sua história a partir de 1930, Série Idéias, 1, F. D. E., São Paulo, 1992.
- PIAGET, J. *O julgamento moral na criança*. São Paulo, Editora Mestre Jou, 1977.
- SILVA, E. T.. *De olhos abertos*. São Paulo, Ática, 1991.
- VIEIRA, A.. *O prazer do texto: perspectivas para o ensino de literatura*. São Paulo. E. P. U., 1989.